

REFLETINDO SOBRE AS CINEMATOGRAFIAS PERIFÉRICAS

PINTO, Ivonete⁵⁴

Resumo:

Esta proposta trata do projeto de pesquisa *Cinematografias periféricas – estéticas e contextos não hegemônicos*, cujo objetivo central incluiu a publicação de um livro, restando a etapa final de inserir o mesmo como bibliografia de apoio na disciplina Cinematografias Periféricas. A publicação reuniu 52 textos entre artigos inéditos e não inéditos, todos com a delimitação em torno de filmes fora do eixo hegemônico de produção. O escopo teórico da pesquisa traz questões conceituais em torno do que é ser “periférico”.

Palavras-chave: Cinemas periféricos, memória, curadoria, crítica de cinema

Introdução

O projeto de pesquisa *Cinematografias periféricas – estéticas e contextos não hegemônicos*, trabalha em simetria com dois campos de estudo: o da memória e o dos cinemas periféricos.

O objetivo geral envolveu a organização e publicação de um livro reunindo artigos com formato de crítica de cinema e de análise fílmica. O processo para chegar ao resultado passou por uma decisão editorial de valorizar uma produção de mais de 20 anos em torno da reflexão sobre cinematografias não hegemônicas e, ao mesmo tempo, produzir novos artigos em sintonia com esta decisão. O livro está na fase de divulgação e seu conteúdo passa a ser trabalhado na bibliografia para a disciplina que inspirou o projeto, que é Cinematografias Periféricas, oferecida para os cursos de Cinema e Audiovisual e Cinema de Animação da UFPel.

O trabalho de curadoria dos textos compreendeu uma aproximação da história como memória (AGAMBEN, 2009; DIDI-HUBERMAN, 2012;2017), onde foram examinadas as condições históricas, culturais e tecnológicas que permitiram a reunião de textos sobre filmes das mais diferentes origens periféricas.

Ao pensarmos a respeito de nós mesmos, como células de distintos agrupamentos, percebemos inquietações do nosso tempo. Investigando, pois, com a perspectiva do nosso tempo, nossa própria produção, foi observado um traço comum entre os escritos: o contexto como valor. Antônio Cândido e seu “Literatura e

⁵⁴ Professora Associada nos cursos de Cinema e Audiovisual e Cinema de Animação da UFPel

Sociedade” (2006), já nos alertava que trazer o contexto, por si, não seria vantagem, e poderia incorrer até em simplificação equivocada. Mas ele também defendia que considerar fatores sociais pode ser decisivo para a análise mais aprofundada de um tema. Poderíamos acrescentar que, em relação à crítica e análise fílmica, os fatores geopolíticos, comportamentais, culturais e religiosos de um país, são muitas vezes determinantes para as opções narrativas e estéticas de um filme. Portanto, na curadoria dos textos procurou-se estabelecer critérios que atendessem a um entendimento defendido no livro sobre o que é ser “periférico”, no sentido geopolítico, e trazer conceitos teóricos em torno deste entendimento. O prefácio escrito por Stephanie Dennison, professora de Estudos Brasileiros na Universidade de Leeds (UK), ressalta que “a autora contextualiza suas observações em uma série de ensaios introdutórios que traçam a origem e desenvolvimento de conceitos tais como World Cinema, contribuindo assim para a teorização do cinema não- hollywoodiano.” (DENNISON, in: PINTO, 2021, p. 15)

No esforço de melhor demarcar a concepção de filmes periféricos, já que o ponto de partida é uma oposição ao cinema hollywoodiano, buscou-se em Paul Cooke (in: DENNISON, 2013) a noção de uma hierarquia cultural entre cinema comercial e cinema de resistência. Segundo ele, esta divisão é percebida com Hollywood produzindo “baixa cultura” (filmes caros e populistas), enquanto a “alta cultura” se traduz por filmes de orçamento mais baixo (idem). Ele supôs que esta dicotomia pode não ser sustentável e mencionou o exemplo de grandes produtores de filmes populares de entretenimento, como Índia e Hong Kong. Estes gigantes fazem filmes “para consumo doméstico, regional e para o cinema diáspora” (idem, p. 23). Cooke lembra ainda que filmes franceses são vendidos nos Estados Unidos como cinema de arte simplesmente por terem legenda para o inglês.

A argumentação de Cooke nos serviu no livro para “reforçar o ponto de vista de que ser periférico não diz respeito simplesmente aos países de Terceiro Mundo, mas diz respeito aos países que circundam alegoricamente a produção dos grandes estúdios americanos pelo domínio do mercado mundial (com exceções pontuais como Irã, Turquia, Coreia do Sul, Japão, China, Índia e França que ultrapassam 50% do *market share*).” (PINTO, op.cit. p. 38)

No empenho de uma contextualização histórico-conceitual, podemos admitir que a origem (teórica) dos cinemas periféricos esteja no âmbito econômico. Em vista disso, investiu-se na pesquisa sobre cinematografias mais distantes em relação a

nossa perspectiva, como a do Oriente Médio e da África. E na própria estrutura da publicação, marcada por apontamentos teóricos, procurou-se deixar clara uma divisão por continentes, para melhor situar o leitor em termos de contexto.

Considerações finais

Reunir textos de diferentes épocas, propor um recorte geopolítico periférico e pesquisar conceitos teóricos em torno dele, tem sido um exercício instigante. A próxima etapa do projeto (levar o livro para a sala de aula) implica no desafio de despertar o interesse dos alunos por um cinema fora do eixo hegemônico representado pelos Estados Unidos e pela Europa. A ideia é, como afirmamos no livro, poder vislumbrar que o exercício sistemático que fazemos ao assistir filmes de lugares tão distintos e por vezes distantes, e pensar sobre eles, nos torna mais sensíveis ao olhar do outro. “Os problemas, a história, a memória e os sentimentos de outros povos nos conectam com o mundo e este é o primeiro movimento na direção contrária ao obscurantismo.” (PINTO, idem, p. 27). Com o projeto, aposta-se no exercício de acessar filmes com empatia. Empatia enquanto componente cognitivo e afetivo.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. O que é ser contemporâneo? E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2006.
- DENNISON, Stephanie; LIM, Song Hwee (org). *Remapping world cinema – Identity, culture and politics in film*. Londres/Nova York: Wallflower, 2006.
- DENNISON, Stephanie (org.) *World Cinema – As novas cartografias do cinema mundial*. Campinas: Papyrus/Socine, 2013.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Quando as imagens tocam o real*. Trad.: Patrícia Carmello e Vera Casa Nova. Pós: Belo Horizonte, v.2, n.4, nov. 2012.
- PINTO, Ivonete. *Cinemas Periféricos – estéticas e contexto não hegemônicos*. Jundiaí/SP, Paco Editorial. 2021